[Recensão a] M. J. Finley, Os Gregos Antigos

Autor(es): Ferreira, J. Ribeiro

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45661>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_24_9

Accessed : 26-Apr-2023 13:33:56

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXIV

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1985

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

M. J. FINLEY, *os Gregos Antigos*, Lisboa, «Edições 70», 1984, colecção «Lugar da História».

Da responsabilidade das «Edições 70» acaba de sair, em tradução portuguesa, mais um livro fundamental de M. J. Finley, *Os Gregos Antigos*, cuja primeira edição original, publicada em Inglaterra, data já de 1963. Como é do conhecimento de quem está familiarizado com a bibliografia sobre a Grécia Antiga, o livro apresenta uma visão ampla e segura da história e cultura gregas, desde os Poemas Homéricos à época helenística. Depois de rápido relance sobre a origem dos Helenos, aborda temas como os Poemas Homéricos e sua integração na Idade das Trevas; a colonização; os tiranos e os legisladores; a comunidade, a religião e o pan-helenismo; a pólis clássica: guerra e império, Atenas, Esparta, declínio da pólis; literatura: poesia, tragédia, comédia e prosa; ciência; filosofia e política; atitudes e moral populares; arquitectura e planificação de cidades; escultura e pintura; cidades gregas e monarcas absolutos no período helenístico; Gregos e Romanos. Uma tábua cronológica, uma bibliografia seleccionada e um índice remissivo completam o volume. Assim, graças às «Edições 70», tornou-se acessível em língua portuguesa esta obra, muito útil para quantos desejem conhecer a história e cultura gregas. Lamenta-se apenas que vigore ao longo das páginas do livro alguma falta de critério na utilização da maiúscula nos etnónimos — ora surgem com maiúscula, ora com minúscula — e na adaptação à língua portuguesa dos nomes gregos. Assim, p. 15, linha 36, seria preferível Siculos a Sicélicos; p. 48, linha 27, a forma correcta é Acarnanes e na p. 92, linha 23 *Acarnenses* e não *Acarnienses*; p. 53, linha 34, Plateias, que usa na p. 134, é melhor do que Plateia; p. 65, linha 14 e 27, Tráquis e Farsalo (como aliás aparece no mapa da p. 28) e não Trácia e Farsália; p. 62, linha 17, é melhor Gléon do que Cleonte; p. 93, linha 36, Cratino e Èupolis e não Crátino e Eupolis.

Permita-se-me que acrescente algumas observações mais como contributo para um aperfeiçoamento de futura edição do que com o sentido de crítica negativa.

- P. 21, linha 21, talvez por gralha, aparece *século quinze* por *século quinto*.
- P. 43, linha 13, «pequenos santuários» e «família» não são a tradução adequada para *shrines* e *household*. Trata-se dos *altares* existentes nas *casas* gregas. Na mesma página, linha 14, será incorrecto traduzir *parishes* por «sectores populacionais». O autor alude ao *demos* ateniense que, como se sabe, era uma circunscrição autárquica com certas semelhanças com as nossas *freguesias*. Por isso, considero preferível o uso deste termo.
- P. 88, penúltima linha, faltou traduzir *not of men*. A frase correcta será «...a tragédia é uma imitação, não dos homens, mas da acção e da vida».

À parte estes reparos, a tradução merece de modo geral confiança e constituirá um acessível e valioso instrumento de consulta.

Outras traduções de obras fundamentais sobre a Antiguidade Grega têm as «Edições 70» anunciadas — *Instituições Gregas* de Claude Mossé e *Economias e Sociedades na Grécia Antiga* de M. Austin e P. Vidal-Naquet. Na esperança de em breve as ver em letra de forma, aqui deixo o meu aplauso pela iniciativa.

J. RIBEIRO FERREIRA

VICTOR HENRICH BAUMANN, *Ferma romană din Dobrogea*, Tulcea, Muzeul Deitei Dunarii, 1983, 279 p., 69 fig., 46 est.

A Dóbruja é formada pelo território romeno situado entre o Danúbio e o Mar Negro, tendo feito parte outrora das províncias romanas da Mésia Inferior e da Cítia Menor. Ocupada gradualmente pelos romanos, a partir das cidades gregas da costa, desde 9 a.C., constitui a região romena que mais tempo se manteve em contacto com a latinidade, pois permaneceu integrada no Império após o abandono da Dácia. O processo de romanização iniciou-se lentamente no principado de Augusto, quando a Dóbruja era uma obscura Finisterra do mundo romano, como dramaticamente o lastimou Ovídio exilado: «Estou condenado a ver os Sarmatas, uma terra privada de paz e o mar gelado» (Ovídio, *Ponticas*, II, 2, 93-94). O poeta decerto se surpreenderia, e talvez se sentisse confortado na sua solidão em Tómis, se pudesse vislumbrar no futuro o êxito brilhante que a latinidade conheceria em paragens aparentemente nada propícias, êxito que explica o que é, talvez, o mais comovente de todos os legados romanos, a língua romena. É um pouco a história do processo que preparou tão invulgar destino que V. H. Baumann retrata ao procurar definir o papel da *oilla rustica* na romanização do Baixo-Danúbio. *Ferma romană din Dobrogea* representa o resultado de um decénio de investigação (1971-1981), pela primeira vez sistemática, sobre os